

A SÍNDROME DA SEQUELA

Adão Francisco de Oliveira

(Historiador, Sociólogo, Pós-doutor em Geografia. Professor da Universidade Federal de Tocantins)

Eu não sou médico e, nem tampouco, um profissional do campo da saúde. Sou um cientista humano com veia literária e com boa experiência em pesquisas. Com base nas prerrogativas de que disponho, me atreverei a escrever para esta coluna o ensaio que decorre, cujo tema alude ao título em tela e que se desenha com bastante liberdade literária.

Eu quero discorrer aqui sobre a *Síndrome da Sequela*. Estou forjando este conceito para me referir ao conjunto de disfunções do corpo e da mente que se manifestaram como sequela após a infecção por Covid-19. Sem conhecer a bibliografia sanitária pertinente ao tema, ousei trabalhar este conceito para expor ao leitor a minha experiência pessoal, as dificuldades e os agravos que vivi (e tenho vivido) em função da contaminação pelo coronavírus SARS-CoV-2.

Eu sou um professor-pesquisador de uma universidade federal brasileira. Estou no magistério há 32 anos e há 24 anos me tornei um pesquisador universitário, satisfazendo o meu objetivo de vida tanto na área de minha formação, quanto no campo de minha atuação profissional, definidos ainda quando criança. Ao longo desse tempo, enviei a minha performance com experiências políticas e de gestão, também de acordo com as metas almejadas na infância. A minha atuação profissional sempre foi pautada no amor e na paixão; tudo sempre esteve de acordo e nada foi por acaso.

Porém, como toda e qualquer trajetória humana planejada, uma série de contingências foram, nesse percurso, demarcando percalços. Após 32 anos de estrada, as marcas do tempo ficaram presentes não apenas como currículo, mas também como calos e cicatrizes. A atuação apaixonada trouxe satisfação e prazer, mas também trouxe decepções e mal-estar.

Estes foram determinados principalmente pelos (des)valores neoliberais: destituição de direitos trabalhistas; fragmentação e atomização corporativas; perseguição e criminalização da atividade docente; negacionismo científico; desinvestimento em Educação, Ciência e Tecnologia; meritocracia e competição; etc. Com isso, eu posso dizer que acumulei nesse tempo algumas manifestações patológicas que são fruto da experiência profissional, a saber: a insônia, a depressão, o estresse e a hipertensão arterial.

Obviamente esta experiência não é senhora exclusiva desses distúrbios; tantos outros elementos e fatores foram concorrentes para que eles eclodissem. Mas a “sócia majoritária” é, sem sombra de dúvida, a experiência profissional. Mas você, leitor, deve estar se perguntando a esse momento: e o que tudo isso tem a ver com a Covid-19? Eu já te digo: a *Síndrome da Sequela*. Afinal, se síndrome é um conjunto de disfunções, essa reunião de manifestações patológicas mencionadas acima, em associação com a Covid-19, gerou como sequela um quadro de estranhamento mental que alterou a minha percepção da realidade.

Na condição de hipertenso, eu sempre me vacinei nos primeiros dias de cada fase da vacinação contra a Covid-19. O meu esquema vacinal está completo, de modo que eu tomei as cinco doses da vacina. Porém, isso não impediu que eu contraísse por quatro vezes a covid. Na primeira e na terceira vez eu não tive sintomas, e na segunda e na quarta eu tive os sinais da gripe. Porém, nas quatro vezes eu senti fortemente as sequelas, que se estenderam por três a quatro meses após a contaminação. Elas envolveram desorganização mental, esquecimento e fraqueza excessiva.

Mas o que mais me afetou (e eu só pude perceber isso após a terceira infecção) foi a distorção da realidade, creio eu que pela potencialização que a Covid-19 causou nas demais patologias. De repente o meu ambiente de trabalho tornou-se insustentável para mim: eu vi conspirações, fragilidades, picuinhas, retrocessos e tudo o de ruim que uma instituição pode ter. Tive vontade de me mudar, pedir remoção, antecipar a minha aposentadoria, fazer um novo concurso.

Contudo, com o passar do tempo e a acomodação dos antígenos, eu fui reestabelecendo os sentidos e percebendo que o problema estava na verdade em mim, e não nos outros. Fui acometido pela potencialização do transtorno mental associado a estresse, depressão e insônia, que se sobrepuseram à hipertensão arterial. Esse conjunto de preditores produziu em mim essa percepção sensorial distorcida, mentalmente confusa, quase como um surto psicótico.

Os valores hegemônicos e as ações sociais do tempo me causaram transtornos mentais, que potencializados pela Covid-19 produziram a *Síndrome da Sequela*. Eu não tive ainda a oportunidade de comentar sobre isso com o médico, com o psicanalista e nem com o padre. Você, que me lê agora, está tendo a oportunidade de conhecer em primeira mão os efeitos da Covid-19 sobre mim. E você, viveu experiência psicossocial semelhante? ■ ■ ■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.